

# O ANEL DOS LÖWENSKÖLDS SELMA LAGERLÖF

Traduzido do sueco por  
João Reis





## I

Bem sei que, nos velhos tempos, muita gente não conhecia o significado da palavra «medo». Contaram-me que várias pessoas gostavam de caminhar sobre o gelo fino formado numa única noite fria, enquanto outras adoravam montar cavalos ariscos. Algumas nem sequer receavam jogar às cartas com o oficial Ahlegård, embora soubessem provavelmente que se tratava de um jogador nato, daqueles que venciam sempre. E conheço, inclusive, algumas almas intrépidas que não temiam começar uma viagem à Sexta-feira ou sentar-se a uma mesa de jantar posta para treze pessoas. No entanto, pergunto-me se algum desses seres intrépidos teria a coragem necessária para usar num dedo o anel aterrador que pertenceu ao velho General Löwensköld, de Hedeby.

Esse velho General deu aos Löwenskölds os seus apelidos, propriedades e título, e, enquanto a família residiu em Hedeby, o seu retrato manteve-se pendurado entre as janelas do salão no primeiro andar. O retrato enorme ia do chão até ao tecto, e, à primeira vista, poder-se-ia confundir-lo com o próprio rei Carlos XII, no seu casacão

azul, grandes luvas de camurça e as gigantescas botas de montar, firmemente assentes no chão aos quadrados. Todavia, quem se aproximasse da pintura constataria estar perante um género de homem muito diferente.

Um rosto largo e tosco de camponês erguia-se acima do colarinho. O homem retratado no quadro parecia ter nascido para passar toda a vida atrás de um arado. Apesar da sua fealdade, aparentava ser um indivíduo sensível, honesto, em quem se podia confiar. Se tivesse nascido na nossa época, ter-se-ia, sem dúvida, tornado juiz e presidente da câmara do seu município e, quem sabe, talvez fosse até eleito para o Parlamento. No entanto, como viveu no período do grande rei-herói, foi para a guerra como pobre soldado. Regressou como o famoso General Löwensköld e foi recompensado pelos serviços prestados à Coroa com a propriedade de Hedeby, em Bro.

De qualquer modo, o eventual apreciador do retrato reconciliava-se com a aparência do homem após observação demorada. Começava a perceber que aquele era o semblante típico dos soldados comandados pelo rei Carlos XII, esses homens que com ele atravessaram a Polónia e a Rússia. O rei não foi seguido somente por aventureiros e nobres; indivíduos simples e honestos como o retratado também o amaram e consideraram um rei merecedor da sua vida ou morte.

Quem contemplava as feições do velho General tinha normalmente próximo de si um membro da família Löwensköld que lhe indicava que o General não puxara suficientemente a sua luva esquerda para expor o grande anel de sinete no indicador por mera vaidade. O rei

dera-lhe o anel – para ele havia só um rei –, e este surgia no retrato como sinal da lealdade de Bengt Löwensköld. No fim de contas, embora tivesse de escutar calúnias acerca do seu suserano, assim como ouvir pessoas ousadas a afirmar que a sua imprudência e a sua extravagância tinham conduzido o reino ao limiar da ruína, o General permanecera sempre fiel às suas convicções, pois o mundo jamais tivera um homem como o rei Carlos e todos os que o conheceram de perto descobriram que havia causas mais nobres e justas pelas quais pegar em armas do que a glória e a fortuna.

À semelhança do que sucedera no retrato, Bengt Löwensköld quisera levar o anel para a sepultura. Mais uma vez, tal facto em nada se devera à vaidade. Não pretendia decerto vangloriar-se ao usar no dedo o anel de um grande rei quando se encontrasse na presença de Deus, Nosso Senhor, e dos Arcanjos, porém, quiçá esperasse que, ao entrar no salão onde Carlos XII estava sentado na companhia de todos os seus «espadachins», o anel cumprisse as vezes do sinal de reconhecimento, o que lhe permitiria, mesmo após a morte, permanecer junto ao homem que servira e adorara durante toda a sua vida.

Assim, o anel real encontrava-se ainda no indicador da sua mão esquerda quando o sepultaram no jazigo subterrâneo que o General mandara construir para seu uso no cemitério de Bro. Muitos dos presentes desgostaram-se por ver uma peça de joalharia tão bela enterrada com um morto, porque o anel do General era quase tão famoso como o seu dono. Dizia-se que era feito de uma quantidade de ouro suficiente para comprar uma quinta e que a

cornalina vermelha que o encimava com as iniciais do rei não era menos valiosa. A maioria das pessoas considerou que os filhos do General se tinham mostrado dignos do seu nome, porquanto respeitaram a vontade do pai ao permitir-lhe conservar o tesouro.

Ora, se o anel do General se assemelhava ao que estava representado na pintura, era de facto um objecto feio e pesado que, hoje em dia, alguém dificilmente desejaria usar; contudo, isto não significa que não tenha sido muito admirado durante duzentos anos. É importante relembrar que quase todas as pedras preciosas e objectos de ouro e prata tinham sido entregues à Coroa naquela época de crise monetária e bancarrota nacional, e que a maioria das pessoas ouvira falar acerca de ouro, porém, nunca o vira. Por tal motivo, era impossível esquecerem-se do anel de ouro enterrado sob o tampo de um caixão, local onde não tinha qualquer utilidade. Parecia-lhes quase um crime mantê-lo debaixo de terra. Poderia ser vendido no estrangeiro por uma quantia avultada, com a qual se compraria pão para quem nada tinha de que viver além de palha e caruma.

Contudo, por muitos que fossem aqueles que desejavam ter em sua posse o grande tesouro, ninguém pensava seriamente em apoderar-se dele. O anel estava sob o tampo de um caixão aparafusado, numa cripta fechada, sob lajes pesadas, inacessível inclusive ao mais ousado dos ladrões, e aí – pensavam as pessoas – deveria continuar para todo o sempre.

## II

Em Março de 1741, sepultaram o Major-general Bengt Löwensköld e, poucos meses depois, uma filha pequena do Capitão de cavalaria Göran Löwensköld – o filho mais velho do General, que vivia então em Hedeby – morreu de disenteria. Foi enterrada num Domingo, logo após a missa da manhã, e os paroquianos juntaram-se todos ao cortejo fúnebre rumo ao jazigo dos Löwenskölds, no qual removeram as duas enormes lápides. A cripta fora aberta por um pedreiro, de forma a depositarem o pequeno caixão da criança ao lado do esquife do avô.

É possível que, enquanto ouviam o serviço fúnebre em redor da sepultura, algumas pessoas se lembrassem do anel real e lamentassem sabê-lo enterrado numa campa, onde não beneficiava ninguém. É também porventura possível que alguém tenha sussurrado ao vizinho que não seria difícil surripiar o anel, uma vez que provavelmente só fechariam a sepultura no dia seguinte.

Entre as muitas pessoas que se entregaram a estes pensamentos contava-se um agricultor da quinta de Mellomstuga, em Olsby, de seu nome Bård Bårdsson.

Não era, de todo, um dos que cismavam, dia após dia, no destino do anel. Sempre que o mencionavam, dizia, pelo contrário, que a sua quinta lhe bastava e que não queria mal ao General por este ter levado o ouro para a sepultura.

No entanto, quando já estava no cemitério, começou, como muitos outros, a pensar quão estranho era ver o jazigo aberto. Algo que, contudo, não o deixou feliz. Na verdade, inquietou-o. «Espero que o Capitão o mande fechar hoje à tarde», pensou ele. «Não falta quem se queira apoderar daquele anel.»

Conquanto o assunto não lhe dissesse respeito, a sua preocupação aumentou ao pensar que manter o jazigo aberto durante a noite comportava um certo risco. Já se estava em Agosto, as noites eram escuras, e, se não fechassem o jazigo nesse mesmo dia, um ladrão poderia esgueirar-se até lá e apoderar-se do tesouro.

Foi tomado por uma tal ansiedade que ponderou abordar o Capitão de forma a avisá-lo do perigo, porém, sabia na perfeição que o tomavam por ignorante e não quis passar por parvo. «Quer dizer, tens toda a razão acerca disto», pensou ele, «mas, se te intrometeres, serás alvo de chacota geral. O Capitão é um homem sensível, decerto mandará tapar o buraco com tijolos.»

Tanto se embrenhou nestes pensamentos que nem sequer reparou que o funeral terminara. Continuará junto à sepultura não fosse a sua esposa puxar-lhe a manga do casaco.

— Que se passa? — perguntou ela. — Pareces concentrado como um gato que vigia a toca de um rato.

Sobressaltado, o agricultor ergueu o olhar e descobriu que ele e a mulher estavam a sós no cemitério.

— Não se passa nada — disse ele. — Estava só a pensar...

Gostaria de contar à mulher aquilo que lhe passara pela cabeça, mas sabia-a muito mais inteligente do que ele. Ela diria apenas que o marido se preocupava sem motivo. E que só ao Capitão Löwensköld cabia a decisão de se fechar ou não a cripta.

Foram para casa e, como Bård Bårdsson virara costas ao cemitério, julgar-se-ia que o jazigo deixaria de o inquietar. Todavia, não foi esse o caso. A mulher falou sobre o funeral, acerca do caixão e dos gatos-pingados, do cortejo fúnebre e do discurso do pastor, e ele proferiu uma coisa ou outra, a fim de ocultar que não se lembrava de nada e que nem sequer ouvira uma única palavra. Em breve, a voz da mulher chegava-lhe de muito longe. O mesmo pensamento reocupou-lhe a mente.

«Hoje é Domingo», pensou ele, «e o pedreiro talvez não esteja disposto a fechar o jazigo num dia santo. Mas, se não o fizer, o Capitão pode dar uma moeda ao coveiro para que ele o vigie esta noite. Se ao menos tivesse a certeza de que ponderou todas estas hipóteses!»

Antes que se apercebesse, tartamudeava em voz alta.

— Devia ter falado com o Capitão. Não me devia preocupar se se riam de mim.

Esquecera-se por completo de que a mulher caminhava ao seu lado e só retornou ao presente quando ela estacou e o fitou.

— Não se passa nada. Só estava a pensar de novo naquela coisa — disse ele.

Assim, prosseguiram e, pouco depois, entraram em casa.

Ele esperava que, uma vez no lar, deixasse de se inquietar e, quiçá, tal sucedesse se tivesse começado a trabalhar. Contudo, era Domingo. Após o jantar, os habitantes da quinta de Mellamstuga seguiram diferentes caminhos e ele ficou a sós em casa, pelo que rapidamente recaiu nas suas divagações.

Algum tempo depois, levantou-se, saiu e escovou o cavalo, pois pretendia ir a Hedeby para falar com o Capitão. «Caso contrário, é provável que roubem o anel esta noite», pensou ele.

Todavia, não agiu de acordo com a sua intenção. Era demasiado tímido. Ao invés, foi a uma quinta vizinha, de forma a partilhar as suas preocupações com o dono da casa, mas, como nunca se encontrara sozinho com ele, mostrou-se novamente demasiado tímido. Regressou a casa sem nada dizer.

Deitou-se assim que o Sol se pôs, decidido a dormir até de manhã. Contudo, não conseguiu adormecer. Mais uma vez, inquietou-se. Deu voltas e reviravoltas na cama.

Claro que a sua mulher também não conseguiu adormecer. Pouco depois, perguntou-lhe qual o motivo de tanta preocupação.

— Nada — respondeu ele, tal como antes. — Estou só a pensar numa coisa.

— Bem, já te ouvi dizer isso vezes que cheguem por hoje — afirmou a mulher. — Acho que me devias dizer em que tanto cismas. Não pode ser uma coisa tão horrenda a ponto de não ma poderes contar.

Ao ouvir as palavras da mulher, Bård acreditou que talvez conseguisse adormecer se seguisse o seu conselho.

— Só gostaria de saber se terão fechado o jazigo do General — disse ele —, ou se o deixam aberto toda a noite.

A mulher riu-se.

— Também pensei nisso — disse ela — e presumo que assim fizeram todos os que estiveram presentes na igreja. Mas não vejo como isso possa ser coisa que te faça perder o sono.

Bård alegrou-se ao ouvir a mulher encarar o problema com tamanha despreocupação. Sentiu-se melhor e esperou adormecer.

No entanto, assim que se acalmou, recomeçou a inquietar-se. Viu sombras sorrateiras surgirem de todos os cantos e todas as pessoas, unidas pela mesma intenção, a dirigirem-se ao cemitério e a abrirem a cripta.

Esforçou-se por não se mexer, para que a mulher conseguisse dormir, mas doía-lhe a cabeça e transpirava. Não conseguiu parar de dar voltas e mais voltas na cama.

A esposa perdeu a paciência e disse, um pouco em jeito de troça: — Meu querido, acho preferível ires à igreja e dares uma vista de olhos ao jazigo, em vez de ficares aqui a dar voltas sem pregar olho.

Mal acabara de falar, já o marido saltara da cama e começara a vestir-se. Pareceu-lhe que a mulher tinha razão. Olsby distava somente meia-hora a pé da igreja de Bro. Regressaria dali a uma hora e, então, poderia dormir toda a noite.

Assim que ele transpôs a porta, a mulher apercebeu-se de quão horrível seria para o marido caminhar a sós até ao cemitério, por isso, também ela saltou da cama e se vestiu.

Alcançou-o na colina abaixo de Olsby. Bård riu-se quando a ouviu acercar-se.

— Acompanhas-me para te certificares de que não roubo o anel do General? — perguntou ele.

— Deus me livre! — disse a mulher. — Achas que não sei que isso nem te passa pela cabeça? Só saí para te ajudar, não vás cruzar-te com um lobisomem ou um fantasma.

Estugaram o passo. Anoitecera e o céu estava escuro, à excepção de uma estreita faixa de luz a oeste, mas conheciam a estrada. Conversavam animadíssimos, pois encaminhavam-se somente até ao cemitério, de modo que Bård verificasse se o jazigo estava aberto e não perdesse mais horas de sono por conta da preocupação.

— Seria quase inacreditável que os Löwenskölds não tivessem o cuidado de selar o anel — disse Bård.

— Bem, em breve o saberemos — comentou a mulher. — Meu Deus, já estamos junto ao cemitério.

O marido estacou, surpreso por a mulher lhe parecer tão feliz. Não tinha, decerto, uma motivação oculta para aquela sua caminhada. Cria ele.

— Acho que, antes de entrarmos — disse Bård —, devemos decidir o que fazer se o jazigo estiver aberto.

— Esteja ele fechado ou aberto não vejo como possamos fazer outra coisa a não ser voltar para casa e dormir.

— Pois, suponho que seja como dizes. Tens razão — comentou Bård, prosseguindo.

— Não se pode esperar que o portão do cemitério esteja aberto a esta hora — disse ele pouco depois.

— Não está aberto — afirmou a mulher. — Temos de trepar o muro se queremos visitar o General e ver como passa.

O marido teve uma nova surpresa. Ouviu o som de gravilha a cair e logo viu o vulto da mulher delineado em contraste com a faixa de luz a oeste. Lá estava ela, em cima do muro. Este último não era muito alto, pelo que a subida não constituía um feito acrobático, porém, ainda assim era bizarro que se mostrasse suficientemente solícita para subir primeiro do que ele.

— Anda lá, ajudo-te a subir — disse ela.

Pouco depois, deixaram o muro para trás e abriram cuidadosa e silenciosamente caminho por entre as pequenas sepulturas.

Bård tropeçou numa campa e quase caiu. Sentiu que alguém lhe tentara pregar uma rasteira. Fremindo de medo, disse em voz alta, para que os mortos não o interpretassem mal:

— Nunca entraria aqui com más intenções.

— Nem eu — disse a mulher. — É que nem pensar nisso! Olha lá, o jazigo não é ali?

Ele conseguiu somente discernir as lajes reviradas sob o céu escuro.

Pouco depois, estavam junto à sepultura, onde se depararam com a cripta aberta. Não a tinham fechado.

— Que desleixo — disse ele. — Deixaram o jazigo neste estado só... é uma enorme tentação para todos os que sabem que têm um tesouro enterrado lá em baixo.

— Talvez acreditem que ninguém tem coragem suficiente para irritar os mortos — disse a mulher.

— Eu cá da minha parte não gostaria nada de entrar num jazigo destes — disse ele. — Não custaria nada saltar lá para dentro, mas depois ficava lá preso como uma raposa numa armadilha.

— Hoje de manhã, reparei que havia um pequeno escadote lá dentro — comentou a sua mulher. — Mas de certeza que pelo menos o tiraram.

— Vou já ver isso — disse Bård, que se encaminhou para a cova. Logo gritou: — Ora, parece impossível! Passaram dos limites. O escadote ainda aqui está!

— Que descuidados! — disse a sua esposa. — Embora me pareça que faz pouca diferença. O homem que está lá em baixo sabe, com certeza, tomar conta do que lhe pertence por direito.

— Ah, tivesse eu tantas certezas — retorquiu o marido. — Talvez devesse tirar, pelo menos, o escadote.

— Acho que não devemos mexer em nada — disse a mulher. — Amanhã, o coveiro deve encontrar as coisas tal qual as deixou.

Perplexos e hesitantes, observaram a cripta. E conquanto lhes restasse apenas regressar a casa, algo de misterioso — que nenhum dos dois ousou explicar por palavras — os manteve inelutavelmente presos ao local.

— Pois, acho que seria capaz de deixar o escadote onde está — disse, por fim, Bård —, se ao menos tivesse a certeza de que o General consegue afastar os ladrões.

— Podias descer lá abaixo e ver se ele afasta os gatunos — retorquiu a esposa.

Era como se Bård apenas esperasse que a mulher lhe dissesse aquilo. Num ápice, começou a descer o escadote.

No entanto, assim que pôs um pé no chão da cripta, ouviu o escadote ranger e viu que a mulher descia no seu encalço.

— Também me segues até aqui? — perguntou ele.

— Não te podia deixar a sós com um morto.

— Oh, não acho que ele me fosse fazer mal — disse o marido. — Não sinto uma mão fria roubar-me a vida.

— Não, ele não nos fará mal. Sabe que não queremos roubar-lhe o anel — disse a mulher. — Mas é claro que as coisas poderiam ser diferentes se começássemos a desaparafusar a tampa do caixão só para lhe dar uma vista de olhos.

Por entre a escuridão, Bård abriu de imediato caminho até ao caixão do General e começou a tactear a tampa. Encontrou um parafuso em cruz no topo do esquife.

— Este é o ambiente perfeito para um ladrão — disse ele ao começar, cuidadosa e eficazmente, a desaparafusar a tampa do caixão.

— Sentes alguma coisa? — perguntou a mulher. — Não está nada a mexer-se aí dentro?

— Não, está tudo silencioso como numa sepultura — disse o marido.

— Não lhe passa pela cabeça que pensemos roubar-lhe o seu bem mais precioso — disse a mulher. — As coisas seriam bem diferentes se tirássemos a tampa.

— Bem, vais ter de me dar uma ajudinha — disse Bård.

Levantaram a tampa e nada mais conteve o seu desejo de se apoderarem do tesouro. Tiraram o anel da mão

encarquilhada, puseram de novo a tampa no caixão e, sem mais uma palavra, subiram. Saíram do cemitério de mão dada e só se atreveram a falar depois de treparem o baixo muro de pedra e regressarem à estrada.

— Começo a acreditar — disse a mulher — que era esta a sua vontade. Percebeu que não está certo que um morto conserve algo tão valioso, por isso, ofereceu-no-lo de sua livre vontade.

O marido desmanchou-se a rir.

— Essa é boa — disse ele. — Nunca me convencerás de que ele nos deixou levá-lo por sua livre vontade, mas quer-me parecer que não pôde fazer nada para nos impedir.

— De qualquer forma — disse a mulher —, mostraste do que és feito. Poucos homens se atreveriam a entrar no jazigo do General.

— Bem, não sinto ter feito algo de errado — disse Bård. — Nunca roubei um centavo que fosse a uma pessoa viva, contudo, que importância tem tirar a um morto algo de que ele não precisa?

Orgulhosos e satisfeitos, continuaram o seu caminho. Surpreendia-os que a mais ninguém ocorresse tal ideia. Bård disse que, assim que pudesse, iria à Noruega para vender o anel. Esperavam obter tanto dinheiro por ele que as suas preocupações monetárias seriam coisa do passado.

— Mas — disse a mulher, estacando de súbito — o que vejo eu? Será mesmo o nascer do Sol? Está tão claro a leste!

— É impossível ser já manhã — disse o agricultor. — Deve ser um incêndio. Parece ser no caminho para Olsby. Não será...

O grito agudo da sua mulher interrompeu-o.

— É a nossa quinta que está a arder! — exclamou ela. — Mellomstuga está a arder. O General deitou-lhe o fogo!

Na Segunda-feira de manhã, o coveiro estugou o passo até Hedeby, que se situa bastante perto da igreja, para anunciar que ele e o pedreiro encarregado de selar o jazigo tinham encontrado a tampa do caixão do General torta e os escudos e estrelas que o ornamentavam desarrumados.

Ordenou-se uma inspecção. Tornou-se de imediato óbvio que o jazigo fora assaltado e a tampa do caixão desaparefusada. Quando abriram o ataúde, viram, nesse mesmo instante, que o anel real já não estava no indicador esquerdo do General, o local a que pertencia.